

OS DOCUMENTOS ANTIGOS DA POESIA ARMÊNIA

Yessai Ohannes Kerouzian

Teve a Armênia, no ano 405 de nossa era, sua escrita nacional, ou seja o alfabeto armênio (1)

Resultando de razões políticas e sociais, o evento marcou o início de uma nova literatura em escrita própria que, além de fomentar o espírito nacional dos armênios — circunscritos numa encruzilhada de adversa composição étnico-geográfica — prestar-se-ia como instrumento eficaz e permanente de desenvolvimento, assim como guarda da cultura dos ancestrais. Punha-se fim ao longo passado *pré-histórico* (desde cerca do 5.º milênio até o século X a.C.), *pré-armênio* (do século X a VI a.C.) e dos primeiros dez séculos do período *armênio* (do século VI a.C. ao século V d.C.) (2), em que a nação se servira dos mais variados tipos de escritas alheias (pictográfica, hieroglífica hitita, cuneiforme, aramaica, grega, persa e siríaca) para as suas atas e necessidades governamentais, sociais e culturais (3). Mal adaptadas à fonética do idioma armênio e sujeitas às influências externas, revelaram-se essas escritas meios inadequados para criar uma literatura de alcance nacional, tampouco para transmitir algo no idioma genuíno dos antepassados.

(1) — O alfabeto armênio foi criado pelo sábio *Mesrob Mashtoz*, em 405 de nossa era; de 36 sinais, passou para 38 nos séculos XI-XII, acrescidos no fim. Escreve-se da esquerda para a direita, à maneira do grupo das escritas indo-européias, a que pertence o armênio. Sobre sua origem ver KEROUZIAN.

(2) — Sobre o período pré-histórico e os achados em gravações pictográficas-hieroglíficas, ver *BARKHUTARIAN* e *SARDARIAN*.

(3) — As inscrições *pictográficas*, encontradas nas montanhas da atual Armênia, datam do 7º a 6º milênio a.C., as *hieroglíficas hititas* e as *cuneiformes*, dos tempos do Reino de Urartu, do século X a VI a.C.; as *aramaicais*, da época do rei Artashes I no séc. II a.C.; as *gregas*, do século I.d.C.; esta última fora a escrita prevalentemente usada no período pré-alfabético; as inscrições nas moedas dos reis armênios, desta época, as obras literárias (tragédias, discursos e histórias) do rei Artavazd II e as inscrições lapidares de Armavir, Garni, etc. eram em escrita grega; em *persa e siríaca* estavam redigidas as atas do governo na zona oriental da Armênia. A respeito dessas inscrições ver KEROUZIAN-1, cap. II e Documentação.

No prolongado intervalo, entre o mencionado “período armênio” e a data da sonhada escrita nacional, assiste-se, no entanto, aos primórdios de uma literatura falada, cujos remanescentes, conhecidos como *Cantos de Goghten*, foram preservados pela tradição oral. São os documentos mais antigos da literatura armênia, de teor mitológico, histórico-épico, dramático e, também, humorístico. Vêm de séculos distantes, enfatizando mitos e reis da Antigüidade armênia. Quando grandes movimentos migratórios, confrontos com os invasores, operações para a recuperação das fronteiras, obras de canalização e fundação de novas cidades sulcavam o país, poetas e menestréis se entregaram a evocar os dias felizes nos lares e os feitos dos que se empenhavam por uma nova história da nação. Transmitidos ao vivo, entre as gerações, a partir do século V, antes de nossa era, aproximadamente, podia-se ouvi-los até o século X de nossa era.

Esses documentos foram salvos, por sua vez, graças aos autores armênios da Alta e Baixa Idade Média, que tiveram o cuidado de recolhe-os da tradição oral. O principal recolhedor é *Movses Khorenatsi*, “pai da historiografia armênia, do século V; seguem-se, em importância, os historiadores *Agathângelo*, do começo do século IV; *Hovanes Mamikonian*, do século VII, e o gramático *Grigor Makistros*, do século X; outros autores, ainda, como *Fautos Biuzandatsi* e *Eliseu*, do século V, *Sebeu* e *Anania Shirakatsi*, respectivamente historiador e matemático-astrologo, ambos do século VII, se referem, por breves informes, à persistência desses cantos e a alguns pormenores de sua execução.

A denominação genérica de *Cantos de Goghten* lhes vêm do fato de serem eles, no tempo dos autores mencionados, ouvidos com mais frequência na província de Goghten, da região de Shirak, famosa pelos seus campos férteis e produção vinícola e pelos costumes alegres de seus habitantes.

De linguagem pura e estilo arcaico, em armênio clássico, compostos em versos livres e tonalidade rítmica, esses cantos eram executados por bardos, ao som de um instrumento de corda, chamado *bambir* ou *bandir* (4).

Desconhecem-se sua autoria e a época de elaboração. Contudo, considerações idiomáticas, estilísticas e de conteúdo dos textos originais — envolvendo fatos e personagens de épocas diferentes — nos sugerem serem eles criações de autores de épocas diferentes tam-

(4) — KHORENATSI, I, 24, p. 116; 31, p. 131; V, 31; p. 233; sobre os antigos instrumentos musicais, ver GUEVORKIAN, Tábua XLIII a XLVIII.

bém. Se é difícil, neste sentido, expressar-se categoricamente, e apesar de alguns deles aludirem as lendas que remontam a milênios (5), um facto histórico nos conduz a condicionar a data de sua elaboração ao problema lingüístico, numa época posterior ao século VI a.C., quando o antigo “Estado de Urartu” transforma-se em “Estado Armênio”, passando o país a chamar-se “Hayastan” pelos autoctones e “Armênia” pelos estrangeiros. O armênio, então, já suficientemente evoluído, torna-se o idioma nacional do novo estado e veículo das primeiras criações literárias, sendo “obrigatório” seu uso para todos os habitantes do país (6)

Movses Khorenatsi se refere, uma única vez, ao nome de um certo *Vruyr*, “homem sábio e poeta”, responsável pelos negócios da corte (7), indicado para o cargo pelo próprio rei Artashes I (190-160 a.C.). Pelo epíteto que lhe é atribuído, pode ser ele considerado, talvez, autor do ciclo dos cantos dedicados aos seus amos: o rei Artashes, a rainha Satenik, o filho deles e sucessor Artavazd I e Simbat, o “velho general” Eis tudo o que nos é dado saber, por enquanto, em torno do problema da autoria desses cantos.

O século IV marca o fim da era pagã na Armênia, pela adoção do Cristianismo, no ano 301, como religião oficial do Estado Armênio, no reinado de Tiridat III, sendo Gregório, o Iluminador, o apóstolo da evaneglização. Embora poetas do povo continuassem sob a nova crença o elo da tradição, decaí sua criatividade, não chegando seus versos, com raras exceções (8), a integrar-se na série dos *Cantos de Goghten*, consagrado pela Antigüidade. Os novos cantos mudam de rumo; de tom marcadamente religioso no princípio e de linguagem e inspiração inferiores aos de Goghten, passam, após o século X, para o trovadoresco cada vez mais profano e a imitação dos antigos cantos bárdicos, executados ao som do tradicional instrumento de corda, para dar lugar, mais tarde, a uma nova e anônima epopéia nacional, de tom folclórico, tendo por protagonista o lendário *Davit de Sasun*.

(5) — É o caso das lendas alusivas a *Hayk, o Patriarca*, dos tempos da Torre de Babel, segundo Khorenatsi, e a rainha *Semíramis* da Assíria-Babilônia.

(6) — ESTRABÃO, 14, 5: a imposição do mesmo idioma armênio a “todos os habitantes do país”, remonta aos tempos do rei *Aram*, da época de instauração do Reino Armênio, em substituição ao Reino de Urartu, no século VI a.C.; ver KHORENATSI, I, 14, p. 75, 77; II, 66; 306; cf. nota 24, aqui; HERÓDOTO, I, 72; I, 180, 199; III, 93; V, 49, 52; VII, 68, 73 (armênios e frígios).

(7) — KHORENATSI, II, 53, p. 300.

(8) — Trata-se dos Cantos n.º 17, do rei *Tiridat III*, dos anos c. 250-336, e n.º 18, do general Simbat Bagratuni, dos séculos VI-VII.

Enquanto isso, os cantos do tempo pagão continuarão a ser ouvidos, até o século X, durante os festins organizados nas residências dos príncipes feudais, que lutavam contra o poder central (9), assim como durante as festas nupciais, os rituais fúnebres, e em outras manifestações de caráter popular, notadamente nas ligadas à vida do campo. Um século depois, no clima de opressão e no assombro de guerras devastadoras, — que apressam o fim da independência do Reino Armênio de dezesseis séculos, com a tomada da capital Ani pelos turcos seljúcidas (10) — calam definitivamente esses cantos, cedendo seu lugar às criações dos novos bardos da Idade Média. Certos costumes, vinculados aos antigos cantos, sobrevivem nos meios populares, como o dos ferreiros de bater nas bigornas às segundas-feiras, “para se engrossarem as cadeias de Artavazd” (11).

O mitológico e o histórico-épico marcam o tom predominante dos Cantos de Goghten; é exceção o humorístico n.º 18 do grupo “B”, Foram por nós classificados em dois grupos, conforme referidos pelos recolhedores em versos originais (Grupo “B”) ou simplesmente pelos título e enredo (Grupo “A”), sendo que os do “B” constituem a maioria. Tendo o tempo prejudicado consideravelmente a transmissão dos cantos do grupo “A”, estes depois recolhidos, não despertaram no povo o mesmo interesse que os do grupo “B”. É de se ressaltar que os cantos em versos, do grupo “B”, representam apenas fragmentos dos originais; ignora-se, também, sua localização no poema, conforme testemunham as expressões: “Outros trechos do canto diziam a ; “ diziam as lendas ”; ou “Os cantos diziam ainda. ”, etc., que os recolhedores acrescentam antes ou depois dos trechos por eles citados. Talvez, pelo seu tom introdutório, o canto n.º 1/B de Vahagn possa ser considerado o princípio do poema.

Os recolhedores se referem, ainda, aos cantos chamados *tsutsk* (exibição), de tom alegre, e *mrmuntchk* (sepulcrais, recitativos em voz baixa) que, além do instrumento musical *bambir* ou *bandir*, eram acompanhados de danças, sendo os primeiros executados por jovens de ambos os sexos, e os segundos por *virgens cantoras* e mulheres

(9) — Sobre a atuação dos príncipes feudais, que além de contrariar o poder central, tentavam renovar antigos costumes do tempo pagão, organizando festins “ao som dos Cantos de Goghten”, ver em FAUSTOS, III, 13, p. 43, 44; IV, 4, p. 85; V, 31, p. 233; ELISEU, cap. V; “Cantos pagãos”

(10) — A queda da capital Ani, no ano de 1064, pelos turcos seljúcidas, significou o fim do Reino Armênio em território nacional.

(11) — refere-se ao rei Artavazd I, filho de Artashes I, tema do canto n.º 13/B.

profissionais, *carpideiras*, durante o enterro (12). Nada se pode opinar em torno desta categoria de cantos, por não existirem fragmentos.

Quanto aos rituais propriamente ditos, que acompanhariam os Cantos de Goghten, notadamente os mitológico-religiosos, os historiadores-recolhedores são parcos nos seus informes. Existiam, certamente, tais rituais, pois Vahagn (mito do canto n.º 1/B), o deus-Sol, do Fogo e da Força, possuía, com suas parceiras, as deusas Anahit (Anahita, na mitologia persa, e Artemis, na grega) e Astride (Afrotide, na mitologia grega), templos na cidade sacra de Ashtishad (na região de Taron), recebendo anualmente e com “*grande pompa*” homenagens e sacrifícios (13). As afinidades de origem e atribuições, de Vahagn, com as de seus outros parceiros de além-fronteira, Agni e Indra, da antiga Índia, cujos cantos eram acompanhados de rituais sacros, conforme se lê nos Cantos Vêdicos, justificam a asserção (14). Mais adiante voltar-se-á ao assunto na apresentação do canto n.º 1/B.

A presente exposição dos antigos documentos da literatura armênia, em especial da poesia — completada com trechos de alguns cantos pelo autor deste artigo e inédita quanto à integridade de seu conjunto e sua tradução para o português (15) — pretende ser o apanhado geral para um outro estudo em profundidade, a ser oportunamente realizado no contexto da mitologia, história e literatura dos povos do Oriente, com quem o armênio cruzou seus caminhos no decorrer dos tempos.

Adiante, dar-se-á a apresentação individual dos Cantos de Goghten. Estão classificados em dois grupos, conforme referiu-se acima, pela forma em que nos foram transmitidos pelos recolhedores.

Todos terão um resumo do enredo, acompanhado de notas explicativas. Da exposição, será excluída a abordagem do problema linguístico-literário, pelo motivo apontado.

(12) — Sobre a participação das mulheres *profissionais* “*carpideiras*”, nos enterros e nas exibições públicas, acompanhadas de instrumentos musicais, ver em FAUSTOS, 4, p. 85; V, 31, p. 233; KHORENATSI, II, 61, p. 315; as “*carpideiras*” persistem ainda entre muitos povos.

(13) — Culto de Vahagn, em AGATHANGELO, c. 12, p. 102; 114, p. 600; FAUSTOS, III, 14 p. 47-48; KHORENATSI, II, 14, p. 203-204.

(14) — A respeito desses rituais ver em BARGAIGNE, GUERINOT e GUBERNATIS.

(15) — Dos Cantos de Goghten, somente o dedicado a Vahagn e alguns de Artashes I possuem traduções em outros idiomas.

LISTA DOS CANTOS

Grupo "A":

- 1 — Canto de Hayk
- 2 — Canto de Aram
- 3 — Canto de Semíramis e de Ara, o Belo
- 4 — Canto de Sanatruk
- 5 — Canto de Yerwand
- 6 — Canto de Mam Kun

Grupo "B":

- 1 — Canto de Vahagn
- 2 — Canto de Vardkes, o Jovem
- 3 — Canto de Tork, o Gigante
- 4 — Canto de Artahes I (vitória sobre os alunos)
- 5 — Canto de Artashes I (pedido de casamento)
- 6 — Canto de Artashes I (casamento "à oriental")
- 7 — Canto de Artashes I (núpcias)
- 8 — Canto de Artashes I (tempos felizes!)
- 9 — Canto de Satenik (namoro)
- 10 — Canto de Satenik (conspiração)
- 11 — Canto de Artavazd I (infância)
- 12 — Canto de Artavazd I (fundação de Marakert)
- 13 — Canto de Artavazd I (no enterro do pai)
- 14 — Canto de Artavazd I (resposta do pai)
- 15 — Canto de Simbat Bagratuni
- 16 — Canto de Tigran II, o Grande
- 17 — Canto de Tiridat III
- 18 — Canto de Simbat Mamikonian

GRUPO "A": CANTOS TRANSMITIDOS POR TÍTULO E ENREDO

1 — *Canto de HAYK:*

Hayk, o Patriarca: um mito e tradicional fundador do povo armênio, que, em sua homenagem, segundo a tradição, chamaria a si mesmo de "hay" Diz a respeito Movses Khorenatsi:

"Nosso país chama-se Hayk, em homenagem ao nosso ancestral Hayk" (16).

(16) — *Hayk* (armênios, no armênio clássico), seria a forma do plural de *hay* (armênio); em termos geográficos, esta forma é sinônimo de *Hayastan* (hay + a + estan; nome da Armênia em armênio: "lugar dos armênios").

Na lenda “*transmitida pelos bardos*” (17), Hayk figura como chefe e fundador do povo armênio, herói nacional, um semi-deus. A época da lenda transcorre desde os tempos da construção da Torre de Babel até a chegada do “patriarca” à terra do planalto futuramente chamada “Armênia”. Os protagonistas são Hayk da Armênia, e Bel, chefe e semi-deus da Assíria.

A LENDA:

Na confusão gerada, durante a construção da Torre de Babel, Bel, chefe da Assíria-Babilônia, invade as possessões da tribo armênia, composta dos familiares e descendentes de Hayk, convidando-os à submissão. Rejeita-se a ordem. No encontro armado morre Bel, devido a uma seta lançada por Hayk. Este reúne toda a sua família, mais de trezentos, entre eles os “domi natus”, e ruma para o norte, para a “Terra de Ararat”. Toma posse da localidade; distribui terras aos familiares e descendentes; estende a área de sua jurisdição; funda cidades, entre elas a de *Haykashen* (construção de Hayk, nos arredores do lago de Van, no sul da Armênia histórica) e denomina o país de *Hayk*.

O real disfarçado em lendário, pelo autor anônimo deste canto, é a narração das origens do povo armênio e de sua terra. Sabe-se, pela história, da migração de um de seus componentes: os “armênios”; vindos do continente europeu (zona dos Bálcãs), nos fins do 2.º milênio antes de nossa era, e demorando nas fronteiras do desaparecido Império Hitita, chegam no século VI às terras do *Reino de Urartu*; fundem-se com os autóctones *urartus* e *hays*, passando o país, a partir daquele século, a ser denominado *Hayastan* (hay + a + stan: lugar dos armênios) pelos seus habitantes, e *Armênia* pelos estrangeiros (18). Desconhecem-se os nomes dos que, no referido itinerário secular, chefiaram a migração dos “armênios”. Nada há que contrarie o fato de um deles, talvez o mais destacado, ser a pessoa referida sob o nome de “Hayk”, sendo esta aceitação geral tanto por parte dos historiadores armênios da Alta Idade Média, quanto pela tradição oral.

Era de se esperar que Hayk, herói real e lendário, passasse para a classe dos semi-deuses, a par de seu antagonista assírio Bel. Se os

Segundo alguns, o termo *hay* deriva de *Hayasa*, país ao nordeste da Armênia histórica e posteriormente integrado nesta; v. KHORENATSI, I, 12, p. 54-60.

(17) — a expressão é de KHORENATSI, I, 14, p. 78; ver a lenda em I, 5, p. 29-31, 42; 9, p. 49; 10, 51-53; 11, p. 54-60; 12, p. 60-61; II, 8, p. 184.

(18) — HERODOTO, VII, 68, 73, refere, no exército de Xerxes da Pérsia, a presença de soldados armênios e fílgios com as mesmas armas, mesmas fardas e sob o mesmo comandante; ESTRABÃO, XIV, 5, 29; EUDÓXIO, “Itinerário”, citado por Estevão de Bizâncio na sua “Ética”; a respeito ver ADONTZ, *Histoire d'Arménie*, p. 312-330.

antigos historiadores armênios da era cristã calam sobre o assunto, os autores da versão armênia da Bíblia Sagrada, realizada no começo do século V, o “Século de Ouro” da literatura armênia, prestam homenagem ao “seu patriarca”, quando substituem por *Hayk* a denominação da constelação *Orion* da mitologia grega. Da mesma forma transpõem para o armênio os nomes dos deuses e deusas do panteon grego: *Zeus* passa a *Aramazd* (versão armênia do persa Ahura-Mazda); *Afrotide* para *Astride* (ou *Astghik*), etc. Pormenores da lenda nos levam a pensar nos remanescentes daquelas influências, que dos semíticos do sul passaram para a Terra de Ararat, ainda nos tempos do Reino de Urartu — rival da Assíria e dono da Pré-Armenia, nos séculos X a VI a.C. — e dos habitantes desse reino para os armênios, seus naturais herdeiros políticos e culturais.

Outros aspectos dessas relações armênio-assírias, encontrar-se-ão na apresentação dos cantos n.º 2 e 3, do grupo “A”, onde figuram Bar-Sham e Semíramis, respectivamente um semi-deus e uma rainha da Assíria (19).

2 — Canto de ARAM:

É filho de Harma e neto de Hayk. Ele também fora, provavelmente, um dos chefes da secular migração dos “armênios”, na época em que eles, vindos do Oeste, se encontravam nos arredores da Capadócia (20). Mais tarde, cerca do século VI a.C., — o país de *Urartu* já transformado em *Armênia*, — encontra-se no trono, defendendo suas fronteiras contra os medos (ao sudeste) e assírios (ao sul) Sua atuação, como sétimo chefe da Armênia, na lista encabeçada pelo patriarca Hayk, e, sobretudo, seu nome *Aram* nos conduzem à hipótese, não excluída “a priori”, de considerá-lo como primeiro rei da Armênia. Ele foi identificado, devido ao nome, ao primeiro rei de Urartu, também chamado Aram, que combateu vitoriosamente contra Salmanasar II da Assíria (860-825 a.C.). A hipótese prende-se ao fato de o “pai da historiografia armênia”, Khorenatsi, ao falar sobre as origens da Armênia, como estado, nunca se referir aos “ururtus” e seu reino; para ele, o estado que se instalou na Terra de Arart, após o dilúvio bíblico e a construção da Torre de Babel, é pura e simplesmente a Armênia. Na inscrição trilingue em cuneiforme de Behistun, também do ano 515 a.C., do rei Dario I Veshtaspe da Pérsia, ora se distinguem e ora

(19) — Segundo KEVORK ASLAN, a figura de *Hayk* seria a transformação armênia do deus *Khalti* de Urartu, venerado por algum tempo na região de Van, p. 170; sobre sua lenda, v. ABEGHIAN, p. 38-53.

(20) — *KHORENATSI*, I, 14, p. 73-75.

se identificam os nomes *Urartu* e *Armênia*, fato que comprova a identidade geográfico-política das duas denominações. Permanecem, contudo, anacronismos de ocorrências referentes aos dois Arams, a serem comprovadamente esclarecidos, antes que a hipótese se converta em verdade; tarefa esta alheia ao plano deste trabalho.

Referindo-se ao nosso herói, o historiador vale-se de expressões como estas: “*Dele narram-se muitas proezas em feitos de armas*” ou “*nas lendas de avós*” e “*nos contos transmitidos pelos CANTORES BARDOS*”, “*contam-se os feitos de sua bravura*”, etc., concluindo:

“Aram. preferia morrer em defesa de sua pátria a ver pisoteada, pelos estrangeiros, suas fronteiras e escravizados, por estes, seus compatriotas” (21).

Atribui-lhe a expansão das fronteiras da Armênia em todas as direções e a obrigatoriedade, para todos os habitantes do país, de estudar o idioma armênio, razão pela qual acrescenta:

“Os estrangeiros chamam nosso país de Armênia, em homenagem ao seu nome” (22).

A LENDA:

O histórico aparece como lendário nas lutas que Aram trava: uma, contra os *descendentes do gigante Titã*, da mitologia grega, “*na localidade chamada a Cesaréia, na Capadócia*”, última etapa no caminho migratório dos “armênios”, antes de entrarem nas terras do planalto do Reino de Urartu; outra, contra “*Bar-Sham, descendente dos gigantes e semi-deus da Assíria, numa localidade entre as montanhas de Korduk (Corduena: N.A.) e a planície da Assíria*” (23), e uma terceira, ainda, contra um certo “*Payapis, o Gigante, tirano que dominava nas terras entre os dois grandes mares, o Pôntico e o Oceânico. expulsando-o para uma ilha no Mar Asiático*” (24)

Um e outro caso revelam vestígios do folclore e da mitologia de dois povos estrangeiros, — gregos e assírios, — que os urartus-armênios recolheram para as suas lendas, no período de sua instituição em reino já consolidado na Terra de Ararat.

(21) — KHORENATSI, I, 13, p. 70.

(22) — KHORENATSI, I, 12, p. 69; 14, p. 77; ver a interpretação de Markwart do nome “Aram”, em ABEGHIAN, p. 55-56.

(23) — KHORENATSI, II, 14, p. 205.

(24) — KHORENATSSI, I, 14, p. 73-75.

3 — Canto de SEMÍRAMIS e de ARA, O BELO:

Uma lenda bonita mas paradoxal, onde aparecem a rainha Semíramis (Sammouramat) da Assíria, como principal protagonista, e Ara, o Belo, filho de Aram e seu sucessor no trono da Armênia, reinantes de países rivais e atuando em épocas discordantes. Pois, a protagonista Semíramis, na qualidade de mulher do rei Nino da Assíria-Babilônia, surge como um mito do segundo milênio antes de nossa era; e real, como mulher do rei assírio Shamshi-Adad V, dos anos 823-810; enquanto que seu parceiro seria do começo do século VI.

A renomada beleza de Ara, o Belo, e o ardente amor da rainha Semíramis por ele, fazem desta lenda uma das mais populares do folclore armênio. O narrador Khorenatsi, enquanto excede em pormenores quanto a rainha, cala sobre a vida do rei armênio (25)

A LENDA:

Há muito “*a adúltera Semíramis, atraída pelas notícias da beleza de Ara, o Belo deseja ardentemente possuí-lo*” Coisa impossível, enquanto estivesse vivo seu marido, Nino, “*que procurava a oportunidade de vingar a morte de Bel, seu ancestral. pelo extermínio de todos os descendentes de Hayk*” (26). Após o desaparecimento de Nino, por morte ou fuga para a ilha de Creta, sua mulher sente-se livre. Emissários, carregados de presentes e promessas, batem insistentemente à porta do rei da Armênia, convidando-o para uma visita à rainha, na capital Ninive, com a opção de apossar-se do trono da Assíria-Babilônia ou, pelo menos, de satisfazer aos desejos da rainha e regressar ao seu país “*com paz e presentes*” É rejeitada a proposta. Furiosa, Semíramis invade a Armênia. Ao aproximar-se do acampamento das forças de Ara, acantonadas nas planícies de Ararat, assim denominadas em homenagem ao seu nome (27), dá-se ordem aos generais assírios de poupar a vida do rei armênio. Durante os combates, as tropas de Ara, o Belo são derrotadas e ele, mortalmente ferido, cai no campo de batalha. Busca-se o corpo do amado da rainha. O cadáver de Ara, o Belo, recolhido pelos homens de Semíramis, é colocado no terraço do palácio real. Os armênios, para vingar a morte de seu rei, voltam a atacar. Semíramis manda

(25) — KHORENATSI, I, 15-18, p. 79-94; sobre a lendária Semiramis, em GIORDANI, p. 148, ENCICLOPEDIA ITALIANA, vol. XXXI, verbete “Semiramide”, p. 350.

(26) — KHORENATSI, I, 13, p. 72.

(27) — KHORENATSI, I, 15, p. 81; é a tradicional interpretação de Khorenatsi e de muitos outros da Idade Média.

dizer-lhes, para acalmá-los, *ter dado ordem aos meus deuses de lam-ber o corpo de Ara, para restituir-lhe a vida*. Ficando sem resultado algum as feitiçarias da rainha, o corpo de Ara, o Belo entra em decomposição e é enterrado às ocultas. Um dos pretendentes de Semíramis é disfarçado em Ara, divulgando-se as palavras da princesa, que *os deuses (28), lambendo as feridas de Ara, restituíram-lhe a vida, assim como satisfizeram o meu amor*. Erguem-se estátuas dos deuses, prestam-se homenagens e sacrifícios. Os armênios *convencidos*, pelas manhas dela, da *intervenção dos deuses assírios*, reti-ram-se do campo de batalha.

Integrariam esta lenda outros capítulos versando sobre a *Fuga de Semíramis*, perseguida por seu filho, Ninwas; a *Procura de água*, para matar a sede; os *Amuletos de Semíramis, jogados no mar*, de que se valia para encantar o povo; a *Pedra de Semíramis* e sua *Morte pelo filho Ninwas*, etc., (29).

O historiador consagra a tradição, que atribui a rainha Semíramis, obras de grande porte realizadas na Armênia, todas nos arredores do lago de Van: palácio com jardins suspensos, vinhedos e pomares; canal, para fins de aqueduto, de grande extensão (80 km.); conjunto de templos com tesouraria e hospedaria, escavados nos rochedos; fortes e muralhas, em que *mandou gravar muitas inscrições misteriosas*, etc. Dessas obras restam ainda o canal, as cavernas, parte das muralhas e das inscrições em cuneiforme; porém seus artífices são outros: os reis de Urartu, em particular o rei Menuas (c. 810-781 a.C.), sendo a cidade de Van (Toushpa) o principal centro do sul do reino. Precisamente esta cidade, com o homônimo lago de Van — conhecido nas inscrições cuneiformes assírias como “Mar de Nairi” e nas obras dos historiadores armênios, da Idade Média, como “mar” (cf. os “Amuletos de Semíramis jogados no mar” da lenda) — e seus arredores figuram no centro dos fatos narrados na lenda (30).

Esta lenda além de ter, com as duas precedentes, seqüência cronológica na relação do historiador, envolve, como elas, as antigas lembranças dos fatos ocorridos, em épocas remotas, entre urartus-armênios e assírios.

(28) — O nome desses deuses é *haralez*, na mitologia armênia.

(29) — Os cantos sobre os “amuletos” têm variantes na obra do historiador Thomas Ardzruni; ver em ABEGHIAN, p. 70-71.

(30) — KHORENATSI, I, 16, p. 83-90, sobre as obras do rei Menuas de Urartu, erradamente por ele atribuídas à rainha Semíramis; nas páginas 89-90 ver sobre as *inscrições misteriosas*: cf. PIOTROVSKY, p. 15-16, 45-65.

4 — *Canto de SANATRUK:*

Foi rei da Armênia entre os anos 75 e 110, de desconhecida filiação e único deste nome na história da Armênia (31). Embora figura discutida pela história, quanto a sua verdadeira identidade, e pela tradição, que lhe atribui o martírio do apóstolo Tadeu e da própria filha, Sandukht (32), não lhe faltam expressões elogiosas, em particular por parte de historiadores estrangeiros; entre estes, Arriano escreve:

“Sanatruce, rei dos armênios, homem de talento na arte militar e de bom físico, interessou-se muito pela justiça, sendo, por seu comportamento, em nada inferior ao melhor grego ou romano” (33).

Conta-se que construiu a cidade de Nisibina (ou Nisibis, ao norte de Mesopotâmia), erguendo no *centro* sua estatua, *tendo na mão a única peça de dinheiro que lhe sobrara do tesouro público* (34)

A LENDA:

Fragmentos desta relatam uma viagem junto com sua mãe e ama-de-leite, sendo ele ainda criança de colo. Passa-se o episódio *num dia de tempestade e neve*, ao atravessarem as passagens das montanhas de Korduk (Corduena, no sul do país). Por três dias a ama-de-leite, com ele no colo, fica enterrada *sob a neve*, até que os deuses enviam-lhes *uma fera estranha, de cor branca*, que os salva da perdição.

Na verdade, comenta o historiador, a fera estranha nada mais era do que um *cão branco*, acompanhado de *homens de salvação* enviados pela corte em sua busca (35).

5 — *Canto de YERWAND:*

Segundo uns, foi rei da Armênia (36), segundo outros, governador (37), entre os séculos IV e III antes de nossa era. Seja qual

(31) — KHORENATSI, II, 36, p. 262, sobre a interpretação do nome *Sanatruk*, como dádiva de *Sanot*; encontra-se sob a forma de *Sanatruce*, nas obras dos autores greco-romanos.

(32) — KHORENATSI, II, 34, p. 255; 35, p. 259.
DE LAGARDE, R. p. 141; HÜBSCHMANN, p. 75; GELZER, p. 104;

(33) — KEROUZIAN-2, nota 250.

(34) — KHORENATSI, II, 36, p. 260-261.

(35) — KHORENATSI, II, 36, p. 261-262.

(36) — KHORENATSI, II, 37, p. 263; 47, p. 283.

(37) — ESTRABÃO, XI, 14, 15; HÜBSCHMANN, p. 40.

fôr, a tradição o reconhece como “rei” e, nesta prerrogativa, ele constrói as cidades de *Yerwandashad* e *Yerwandakert* (ambas significando “construção de Yerwand”) e *Bagaran* (“cidade de deuses”). Deixou, ainda, parques de caça e diversões e obras de canalização (38). Vinculam-se ao seu nome alguns fatos cronologicamente discordantes: como o de ser pai de Tigran II, o Grande, e o de um encontro com os imperadores Vespasiano e Tito (39).

A LENDA:

Sua mãe, dizem os CANTOS, fora uma *mulheraça forte e gigante*, que *ninguém ousaria desposar*. Dá à luz, *por uniões ilícitas*, dois meninos, respectivamente de nomes Yerwand e Yerwaz (40). Yerwand, o protagonista dos cantos, integra-se na corte de Sanatruk; sucede-lhe após a morte, designando seu irmão para o cargo de “Sumo Sacerdote” (41). As lendas atribuem ao seu “olhar” excepcional força mágica: nos momentos do auge de seu mau humor, os funcionários “*cobriam o rosto com as tábuas de silex*”, que “*se rompiam com a intensidade do olhar de seu monarca, carregado com a força dos deuses, para punir quem ele quisesse*” (42).

6 — Canto de MAM KUN:

Figura destacada da nobreza chinesa, que se torna ancestral da mais renomada família armênia, *Mamikonian*, lendária pelas proezas e pela atuação em prol do país. Seus príncipes encabeçavam a lista da nobreza armênia; eram os primeiros na corte e, por tradição, os comandantes do exército e, durante a vacância do trono, os responsáveis pelo governo; papel que desempenharam com dedicação e bravura (43). Segundo uma outra versão, a do historiador Sebeu, foram os irmãos *Mamik* e *Konak*, da China, os fundadores da família *Mamikonian*, apelido que viria da fusão dos referidos nomes (44).

(38) — KHORENATSI, II, 38, p. 268-269; 40, p. 270; 41, p. 271; 42, p. 271-272; ABEGHIAN erra ao admitir *Yerwandavan* como cidade; é apenas o local de uma batalha; v KHORENATSI, II, 46, p. 281.

(39) — KHORENATSI, II, 38, p. 267; 65, p. 328; ABEGHIAN, p. 129-130.

(40) — KHORENATSI, II, 37, p. 263.

(41) — KHORENATSI, II, 40, p. 270.

(42) — KHORENATSI, II, 42, p. 273.

(43) — Artavazd, Manuel, Mushegh, Vatché, Vasak, Vardan, Simbat, Vahan, etc. são alguns dos mais destacados da família *Mamikonian*; destes Vardan chefiou, no ano 451, o levante de 60.000 armênios contra 300.000 persas, morrendo no campo de batalha.

(44) — SEBEUS, p. 12, 74-96, 110-111, 154-158.

A LENDA:

Mam Kun, segundo as *lendas* e os “*CANTOS de nosso país*” é oriundo da China,

“*país rico em frutas, plantas ornamentais, pavões, sedas... monstros, deliciosos faisões... preciosos tecidos. cujo povo, diz-se, ser amante da paz, mais do que qualquer outro povo desta terra*” (45).

Ministro do “*rei*” Arbok da China, perante o qual é incriminado por Bel Tokh, seu irmão maior, deixa o país com toda a família, procurando refúgio na corte da Pérsia. A China pede sua extradição. A fim de evitar complicações e salvaguardar a vida do refugiado, com respeito ao “*juramento pelo sol*”, — que lhe fora feito pelo soberano da Pérsia, — Shapuh, seu filho e sucessor, ordena a extradição de Mam Kun, que encontra asilo junto ao rei Tiridat III da Armênia, nos fins do século III d.C. Ele manifesta fidelidade e dedicação ao seu novo patrão; guerreia contra o príncipe Slkuni, que, a soldo da corte da Pérsia, conspirava contra a Armênia. Vencido e morto o traidor, um decreto real promove a família de Mam Kun à classe da nobreza; designa-o ministro da corte, doando-lhe vastas extensões de terras e alterando a grafia de seu nome de Mam Kun para Mamkunanian, consagrado já no século IV sob a forma de “Mamikonian”. Cala-se, daqui em diante, sobre sua pessoa, passando seus descendentes a honrar, pelos seus feitos, a nova pátria de adoção. O último dos Mamikonians é o generalíssimo Mushegh, do século IX; embora fosse seu nome consagrado pela tradição, eles, a partir desta data retiram-se do cenário político, cedendo seu lugar à família dos *Bagratidas* (Bagratuni, na forma armênia) (46).

GRUPO “B”: CANTOS TRANSMITIDOS POR FRAGMENTOS DOS VERSOS ORIGINAIS.

1— *Canto de VAHAGN:*

Constitui a expressão mais preciosa da arte poética armênia de Antigüidade, dentre os fragmentos da série dos Cantos de Goghten. É dedicado ao deus do Fogo, do Sol e da Força. Neste canto, imaginação e universo se convertem em poema cósmico, para homenagear, num momento culminante, o nascimento do deus “protetor” da antiga Armênia.

(45) — KHORENATSI, II, 81, p. 365-367; 84, p. 378; cf. FAUSTOS, V, 35.

(46) — ASTOURIAN, p. 178.

Khorenatsi, ao falar do rei Tigran I, diz:

“Seus filhos são Bab, Tiran e VAHAGN, deste último CANTA-SE nas LENDAS”:

“Paria o céu,
paria a Terra,
paria o Mar purpúreo,
também o cálamo, no mar, paria.
Saía fumaça do oco do cálamo,
saíam chamas do oco do cálamo
e através das chamas
corria um menino louro;
tinha cabelos de fogo,
tinha barba de chamas
e seus olhos eram sóis” (47).

O historiador nos esclarece, com ênfase, tê-lo

“ouvido cantar com os próprios ouvidos, por alguns, ao som do instrumento “bandir”

deixando de informar se o trecho citado constituía ou não o princípio do canto, assim como de completar o restante dos versos, onde havia muita coisa interessante, pois acrescenta:

“Outros trechos do CANTO diziam da sua luta contra os dragões, sua vitória sobre eles e as outras suas proezas, semelhantes as atribuídas a Hercules. Diziam, ainda, de sua transformação em deus e sua adoração também na terra da Geórgia, onde recebia sacrifícios, havendo uma estátua em tamanho natural (48).

Para o recolhedor, Vahagn é o ancestral da família, que em homenagem ao seu nome foi chamada *Vahouni*, integrada na casta nobre da corte; passando, sob o reinado de Vagarsh (nos anos 116 a 40) e por desejo espontâneo de alguns seus descendentes, a encarregar-se do culto sacro dos templos e da função de “Sumo Sacerdote”(49).

Em razão de sua bravura converte-se, nas lendas, em mito e semi-deus. Por seus atributos de deus do Fogo, do Sol e da Força e

(47) — KHORENATSI, I, 36, p. 134-136; Tigran I é filho de Artashes I e pai de Tigran II, o Grande; o canto dedicado a Vahagn está nas páginas 135-136.

(48) — KHORENATSI, I, 31, p. 136.

(49) — KHORENATSI, I, 31, p. 136; II, 8, p. 184-185; 12, p. 195-196; 14, p. 202-204.

vencendor e destruidor de dragões (50), ele constituiria, com o *celestial Aramazd, pai dos deuses* (51) e com a filha deste, *Anahit, mãe da Armênia, fonte da vida e das virtudes e glória da nação* (52) É essa a tríade suma do panteão armênio, sendo nele *Vahagn* a figura principal. Nos seus templos em *Hashtishad*, cidade sacra da antiga Armênia, recebia, anualmente, junto com suas parceiras *Anahit* e *Astride* (deusa do Amor: Afrodite), libações e sacrifícios (53)

Os reis armênios imploravam-lhe força para enfrentar os adversários:

“Que, o poderoso Vahagn, protetor de nosso país, vos inspire bravura”,

dizia o rei Tiridat III aos seus ministros (54) O povo pedia-lhe amparo nos perigos; foi ele quem o libertou do susto dos *dragões* (cobras, feras, monstros), contra os quais *lutou e saiu vencedor*. Para ajudar o povo, o semi-deus comete até “*roubo*”, convertido, na lenda, em “*Via Láctea*” A respeito deste episódio, Anania Shirakatsi, geógrafo-matemático do século VII, refere:

“Nas lendas de nossos avôs conta-se que num inverno dos mais duros, Vahagn, um de nossos ancestrais, foi roubar palhas gramíneas dos currais de Bar Sham, ancestral da Assíria. O fato consagrou-se, mais tarde, pelo fenômeno celestial da Via Láctea” (55).

O termo armênio “*hard-goghi djamba*” (pegada ou passagem do ladrão de palha, correspondente à “*Via Láctea*”), liga-se à mesma lenda, segundo a qual Vahagn, ao voltar da Assíria por via espacial, deixou cair no caminho parte das palhas roubadas, que, por estarem brancas, devido à neve, deixaram luminosas as pegadas de sua passagem.

O nome “*Vahagn*” para uns é a versão armênia de “*Veretragna*”, deus da Atmosfera e da Vitória na mitologia persa (56); para outros, provém de um nome não especificado da mitologia védica (57).

(50) — AGHATANGELO, 12, p. 102; 114, p. 600; KHORENATSI, I, 31, p. 136.

(51) — AGATHANGELO, 109, p. 584. KHORENATSI, II, 86, p. 384.

(52) — AGATHANGELO, 4, p. 47-48; 12, p. 102.

(53) — Na região de Taron; AGATHANGELO, 114, p. 600; KHORENATSI, II, 14, p. 203-204.

(54) — AGATHANGELO, 12, p. 102.

(55) — ANANIA SHIRAKATSI, Obras, p. 48; ver, a respeito de Bar-Sham, o Canto n.º 2/A, de Aram.

(56) — DE LAGARDE, p. 141; HÜBSCHMANN, p. 75; GELZER, p. 4.; ABEGHIAN, p. 73-90.

(57) — KIPARIAN, p. 22.

Pode proceder ainda, como terceira hipótese, de um dos compostos sânscrito-védicos, conforme seu prefixo fosse o radical verbal *vah* (trazer) ou *vâ* (soprar de vento, redundando em *vayu*: sopro de vento; *vatah*: vento), acrescido por *agni* (fogo, em sânscrito; cf. “ignis” no latim, etc.). No primeiro caso, haveria o composto *vah* + *agni* > *vahagn*: produtor ou portador de fogo, o conotativo mais apropriado deste deus; no outro *vâ* > *vayu* > *vata* + *agni* > *vahagn*: sopro de fogo. O nome, quanto ao seu primeiro componente (o radical verbal), continua sem solução satisfatória (58).

Os conotativos de *Vahagn*, — deus do Fogo, do Sol e da Força. — corroboram o fato de suas afinidades com o deus *Agni* e, por extensão, com *Indra*, ambos da antiga Índia. A diferença consiste nos atributos: reunidos em *Vahagn* e partilhados por *Agni* e *Indra*, às vezes, sendo outras vezes exercidos por ambos, daí a forma apocópada *Indragni* nos cantos de Rig—Veda (Canto VI, 60, 14), ambos disputando a soberania nos céus (59). Afinidades de nome e atributos de *Vahagn* com *Agni* nos levam longe, a considerações etnológicas, mitológicas e lingüísticas. Contudo, um resumo confrontativo de epítetos, parece-nos útil neste caso:

O deus VAHAGN da Armênia, quanto aos *conotativos particulares*:

- nasce pela união dos três poderes: *Céu, Terra, Mar* (no caso, o lago de Van, região preferida das lendas armênias e apelidado “mar de Nairi” nas inscrições cuneiformes assírias, e simplesmente “mar”, pelos autores armênios da Idade Média; ver Canto n.º 3/A); através do Fogo e das Plantas (no caso, o cálam);
- ao nascer já é *maduro*; começa a *correr*;
- tem cabelos de *Fogo*;
- seus olhos são *Sóis*;

quanto aos *conotativos divinos*:

- é o , Principal dos deuses, pela ação e pela veneração;
- é deus do Fogo;

(58) — DE GUBERNATIS, pp. 143, 148-149; BARGAIGNE, I, p. 25, 27; GUERINOT, p. 118, 128; para as referências dos textos dos Cantos de Rig—Veda, servimo-nos das obras destes três autores.

(59) — GUERINOT, p. 217-218.

- é deus-Sol;
- é deus da Força;
- é protetor do país;
- é benfeitor dos homens;
- é lutador e vencedor dos dragões,
- é viajante.

O deus AGNI da Índia, quanto aos conotativos *particulares*:

- nasce do *Céu, da Terra e das Águas* (nos Cantos Védicos pode ser extensiva às “águas celestiais”, à do rio Ganges ou, ainda, ao oceano Indico) (Rig-Veda, Canto: I, 59, 4; 141,2; III, 1, 3; 22,2 9, 1-3; IV, 1,10; IV, 49,2; VIII, 43,28; X, 2.7: 46,9; etc.); *Filho das Águas* (Rig-Veda, Cantos: I, 1,1; 69,9; 91,6; 98,2; III, 1,13; X, 91,6 etc.; *Filho do Fogo* (Rig-Veda, Cantos: I 13,2; III, 10,1; etc.; *Filho das Plantas* (R. V., Cantos: I, 1,1; 98,2; III, 1,13; X, 91,6, etc.);
- ao nascer já é *maduro*, — atribuição partilhada com o deus Idra — matando o dragão Vritra (R. V., Cantos: II, 1,11; III, 20,4; VI, 16,48 (60);
- tem cabelos *ruivos* (R. V., Canto I, 45,2).

quanto aos conotativos *divinos*:

- é o Principal dos deuses;
- “deus grande” (R. V. Canto IV, 58,3); “único deus dentre todos os deuses” (R. V., Canto I, 68,2); “o mais honrado” (R. V., Cantos: V, 2,11; 8,4; X, 70,2);
- é deus do Fogo (R. V., Cantos: I, 124, 1; III, 10,1; IV, 13, 24; etc) (61);
- é deus-Sol (R. V., Cantos: I, 124,1; IV, 13, 4; X, 37, 1; 45, 10; 8; etc);
- é deus da Força (R. V., Cantos: I, 127, 1; III, 11, 4; 14,6; IV, 11,6; VI, 13,4; etc); o mesmo título é atribuído também a Indra (R. V., Cantos: VI, 18,11; X, 50,6).
- é protetor do país nas guerras e nas “dificuldades” dos guerreiros (R. V., Cantos: I, 189,1; VI, 3,1; Sama-Veda, estrofe 4; mes-

(60) — DE GUBERNATIS, p. 197.

(61) — DE GUBERNATIS, p. 119-120.

mo título para “Indra, o mais poderoso” (R.V., Cantos: I, 129,11; II, 11,13; III, 40,3; VII, 89,3 (62);

—é protetor e benfeitor dos homens (R.V., Cantos: I, 94, 13; 123,3; 189, 1; II, 1,7 (63);

—é lutador e vencedor dos dragões-cobras “Vritras” (R.V., Cantos: II, 1,11; III, 20,4; VI, 16, 48); Indra também partilha a tarefa, daí a formula “Indragni” (R.V., Cantos: I, 32, 1-15; II, 13,5; II, 19,3; 30, 1 (64);

—é viajante (R.V., Canto VI, 13,2).

O quadro comparativo, acima, ressalta, de maneira bastante clara, o fato das afinidades quanto ao nascimento e às atribuições entre os deuses Agni indiano e Vahagn armênio. Ambos nascidos do Céu, da Terra e do Mar; simbolizando, fundamentalmente, o Fogo e a Força; desempenhando papéis idênticos e seus nomes significando “fogo”; torna evidente, enfim, que o segundo procede histórica e etimologicamente do primeiro; ficando não evidentes, apenas, as circunstâncias históricas do itinerário de sua “viagem” da Índia para a Armênia.

2 — Canto de VARDKES, O JOVEM:

Pertence a nobreza armênia, talvez à linhagem real, filho de uma das muitas “mulheres” da corte. É dos tempos do rei Yerwand, do canto nº 5/A, entre os séculos III-II a.C. Os escassos pormenores sobre a vida, relatados no canto, e o fato de se passarem para os cantos trovadorescos, indiciam-no como figura da época. Khorenatsi, versando sobre as obras do rei Vagarsh (reinou nos anos 116-140), entre outras, a da construção de Vagarshavan (cidadezinha de Vagarsh), “no lugar onde ele, no meio do caminho, veio à luz”, tem um breve trecho a respeito de Vardkes:

“O rei Vagarsh... construiu muralhas em torno da renomada cidadezinha de Vardkes, sobre o rio Kasagh, cantada nas lendas”,

dando-nos, em seguida, um fragmento do canto:

“Vardkes, o jovem,
da região de Touha, ,
deixando sua moradia,
rumou,
ao longo do rio Kasagh,

(62) — DE GUBERNATIS, p. 121-122, 183, 194.

(63) — DE GUBERNATIS, p. 123.

(64) — DE GUBERNATIS, p. 122, 176-177.

para a colina de Shresh,
perto da cidade de Artimed,
às margens do rio Kasagh,
para pedir
a mão da filha
da corte do rei Yerwand” (65).

As localidades (Touha, Kasagh, Shresh, Artimed, Vardkesavan), encontram-se dentro das fronteiras da atual República da Armênia. Segundo os informes, alegados antes e depois do canto, o motivo da passagem de Vardkes, de Touha para as margens do rio Kasagh — onde ele constrói uma cidadezinha, denominando-a de “Vardkesavan” (cidadezinha de Vardkes) — seria o desejo de morar perto do futuro sogro, rei Yerwand, a quem foi para “*bater na porta*”, pedindo-lhe a mão da filha em casamento.

A cidadezinha destaca-se pela posição estratégica. Tigran II, o Grande (rei nos anos 95-55) transfere para ali “colonos judeus”, tornando-a centro comercial. Mais tarde, o rei Vagarsh, acima citado, *ampliaria a periferia da cidadezinha de Vardkes, munindo-a de fortes e muralhas, denominando-a, segundo seu nome, Vagarshshabad (cidade de Vagarsh), chamada também Cidade-Nova, tornando-a a nova capital do país, em substituição da antiga Artashad, semi-destruída pelas guerras (66).*

3 — Canto de *TORK, O GIGANTE*:

Oriundo da família de Anguegh-Tun (*Ingilene*, nas fontes gregas), que teria como ancestral certo *Baskam*, um dos netos do patriarca Hayk (67) Seu nome nos é dado por Khorenatsi, que escreve:

‘E o homem, de aspecto horrendo e gigantesco, grosseiro e de nariz chato, de olhar astuto e maligno, pela sua feiura apelidado de anguegh (an + guegh: não + bonito; é interpretação homofônica do historiador — N.A.), de físico forte e alto, foi designado (pelo rei Vagarsh, do canto de Vardkes — N.A.) governador da zona Oeste, dominando sua família de Anguegh-Tun (Família dos feios — N.A.), devido ao seu físico’.

Dão-se, em seguida, dois fragmentos do canto:

“Arranca blocos de silex
maciços,
sem rachaduras,
quebra-os em fragmentos,

(65) — KHORENATSI, II, 65, p. 327-328.

(66) — KHORENATSI, II, 65, p. 328.

(67) — KHORENATSI, I, 23, p. 113.

uns grandes,
outros pequenos;
com as unhas os aplaina,
grava neles
figuras de águias”

Em outra ocasião,

“Na costa do Ponto havia
navios inimigos.
Ele ataca-os
fogem-lhe
para o alto mar,
fora do alcance;
ele agarra, então, rochedos
e com eles
os alveja,
põe a pique numerosos,
no abismo
de águas profundas.
Os outros são impelidos
milhas além,
pelas ondas,
que os arremessos levantam” (68).

Segundo outro historiador, Sebeu, o nome original do gigante fora “*Bagarat, posteriormente apelidado de Anguegh, e transformado em deus pelos bárbaros da época*” (69).

Um conjunto de razões, alegadas por historiadores e estudiosos, entre elas: a identificação do nome “*Bagarat*” com “*Bagardat*”, significando no persa-zend “dádiva dos deuses” (70); a identificação do nome “*Tork*” com “*Tarku*”, deus dos hititas (71), e a presença na mitologia armênia do deus “*Tourk*” (*Vanatourk*”, na forma composta), da fauna e flora (72), sugerem-nos aceitar, no canto de Tork, restos de lendas antigas, dificilmente discrimináveis.

Khorenatsi, ao relatar o canto, expressa-se nestes termos:

“Lendas e nada mais que lendas. Mas para que indignar-se com isto? Deixe-se a gente falar; pois, pela grandeza de sua força, o gigante merece essas lendas” (73)

(68) — KHORENATSI, II, 8, p. 182-184.

(69) — SEBEUS, p. 9.

(70) — HÜBSCHMANN, p. 31.

(71) — ADONTZ, p. 389.

(72) — ABEGHIAN, p. 58-59.

(73) — KHORENATSI, II, 8, p. 182-184.

4 — *Canto de ARTASHES I (vitória sobre os alanos):*

Trata-se de figura de destaque da história armênia. Reinou nos anos 190 a 161 a.C. Reconquista ao país a soberania política e territorial, libertando-o das influências grego-selêucida e persa-aquemênida; recupera as regiões perdidas, marcando as fronteiras com *lápides liminares* gravadas em aramaico; ordena o uso de *um e mesmo idioma* em todo o território de sua jurisdição, ao mesmo tempo que incentiva a cultura grega. No plano administrativo, estimula a agricultura, daí o dito popular:

“Nos tempos de Artashes não havia, na Armênia, um palmo de terra inculta, quer nos campos, quer nas montanhas” (74).

Constrói num triângulo formado pela confluência dos rios Yersakh (Arax) e Medzamor, a nova capital *Artashad* (cidade de Artashes; “*Artaxata*” nas fontes greco-romanas), com templos e teatros, jardins, pomares e parques de caça e diversões. Na história armênia, o período entre os anos 331 a.C. a 1 d.C. é reconhecido como da *Dinastia dos Artáshidas*, em homenagem á figura marcante do período.

Era mais do que esperado que poetas exaltassem figura de tamanha veneração. Khorenatsi antes de transcrever os fragmentos aqui reproduzidos, dá-nos os títulos dos cantos, que ocupariam várias páginas de livro, e fornece ao futuro historiador farto material informativo:

“Muitos dos feitos de Artashes são conhecidos pelas LENDAS dos BARDOS DE GOGHTEN, como: sobre a construção da capital Artashad; seu parentesco com os alanos; o nascimento de seus filhos; o namoro de Satenik com os descendentes dos dragões, segundo as lendas e, na realidade, com os descendentes de Astíages, que possuem moradias aos pés do monte Masis (Ararat); a guerra contra eles; a derrota e a morte destes e o incêndio de suas moradias; os ciúmes entre os filhos de Artashes, por causa das mulheres. Tudo isto, conforme referido, sabe-se dos cantos dos bardos. Referímo-nos a esses CANTOS, de forma breve (75).

De fato, do “muito” que ele, o historiador, sabia desses cantos, como o da descrição do enterro, relatou-nos pouco e de forma “breve” Mesmo assim, têm-se fragmentos pertencentes a um ciclo de doze cantos, no n.º 4 a 15, do Grupo “B”, referentes exclusivamente ao

(74) — KHORENATSI, I, 14, p. 75, 77; II, 56, p. 306; ESTRABÃO, XI, 14, 5; ver nota 6, aqui.

(75) — KHORENATSI, II, 49, p. 287-288.

monarca, à sua família e seus colaboradores. Talvez isto se tenha tornado possível graças à presença na corte do *inteligente poeta Vruyr*, um assessor do monarca e, provavelmente, autor ou patrocinador do referido ciclo de cantos. Cinco destes, de n.º 4 a 8, se referem especificamente a Artashes; os restantes, de n.º 9 a 15, a seus familiares e colaboradores (76).

O fragmento do canto n.º 4, um apelo à paz, motiva-se na expedição dos *alanos*, sitos ao norte da Armênia. Artashes encabeça suas tropas, rechaça-os para além do rio Kur (Kura), ficando os armênios na margem ocidental (no sul). Durante as operações, o filho do rei dos alanos é preso pelos armênios. Pede-se paz a Artashes, com a libertação do herdeiro alano. O pedido é recusado. Então, de além do rio e por meio de *intérpretes*, é a irmã do prisioneiro quem apela a Artashes, nestes termos do canto:

“Digo-te, nobre Artashes,
que venceste
a valorosa nação dos alanos,
accede aos pedidos
da filha de olhos lindos,
dos alanos,
e liberta o jovem.
Não convém a um povo valente
mandar matar por vingança
os herdeiros de heróica nação
ou, mantendo-os em cativeiro,
tratá-los a par dos escravos,
gerando eterna inimizade
entre ambas as bravas nações” (77).

5 — Canto de ARTASHES I (pedido de casamento):

Encantado com a *inteligência* e ainda mais com a *beleza* da irmã do herdeiro preso, o rei Artashes revela ao seu velho general e preceptor, Simbat, o *desejo* de pedi-la em casamento, com a promessa de estipular paz com os alanos e libertar o herdeiro. Encarrega-se da missão o velho general; este atravessa o rio, *pede a mão da filha dos alanos, Satenik* para seu rei e acerta as condições de paz. É a vez, então, do rei dos alanos, que condiciona o pedido apresentado a certas *garantias, consistentes em recompensar*, em dinheiro e presentes, os futuros sogros. O fragmento do canto diz:

(76) — KHORENATSI, II, 53, p. 300.

(77) — KHORENATSI, 50, p. 290-291.

“O que
o nobre Artashes pode oferecer,
por muitos mil milhares
e, mais ainda,
para compensar
a mão da nobre virgem,
filha dos alanos?” (78).

6 — *Canto de ARTASHES I (casamento “à oriental”):*

Fiel a palavra dada, o rei Artashes envia, previamente, ao rei dos alanos, em cumprimento ao acordo de troca, *couro vermelho, laica* (corante vermelho de procedência orgânica, muito apreciado na Antigüidade, de que a Armênia era, e continua a ser, um dos produtores, atualmente com métodos modernos); leva, também, *muito ouro*, ao mesmo tempo que munido da arma tradicional, que eram as *correntes*, aproxima-se do acampamento dos alanos, a fim de conduzir pessoalmente *para casa* sua noiva *Satenik* (79).

Aqui os *bardos cantam*:

“Montou,
o valente rei Artashes
o seu fozoso corcel preto;
tirou a corrente
de couro vermelho,
de argolas douradas;
atravessou o rio,
impetuoso como águia nos céus,
e lançou a corrente
de couro vermelho,
de argolas douradas,
sobre a filha dos alanos;
lançou-a por detrás,
magoando com força
as costas de delgada virgem,
e voltou rápido ao seu quartel” (80).

7 — *Canto de ARTASHES I (núpcias):*

Após referir-se à formalização do casamento real, o historiador passa a tratar das núpcias, dando-nos entender quanto de luxo e pomposo havia nelas:

(78) — KHORENATSI, II, 50, p. 291.

(79) — ABEGHIAN, p. 172-173.

(80) — KHORENATSI, II, 50, p. 292.

“Era costume de nossos reis, à chegada do casal real no templo, distribuir moedas aos presentes, à maneira da oficialidade romana, e à chegada da rainha, pérolas, na porta de sua residência”.

No fragmento relatado em quatro breves versos, os cantores dizem:

“Chovia ouro
no casamento de Artashes;
choviam pérolas
nas núpcias de Satenik” (81).

8 — *Canto de ARTASHES I (tempos felizes!)*:

Na introdução do canto n.º4/B, o historiador referiu-se ao que fizera este rei para o desenvolvimento de seu país e para a felicidade de seu povo, salvaguardando-lhe a soberania e oferecendo-lhe parques de diversões, caçadas e festejos, entre esses últimos os organizados na ocasião do Ano Novo armênio (*Navasard*, em meados de agosto) (82). É a esses festejos que se refere o fragmento do saudoso canto, de tom lírico, ouvido pelo gramático Grigor Makistros, do século X, e relatado em sua “Cartas” Parece ser um “adeus” e um suspiro do monarca, a meia voz, “*nos momentos de doença, que precederam sua morte*” (83), artisticamente interpretado pelo bardo:

“Quem me daria a fumaça das chaminés,
a alvorada de Navasard,
o galopar dos veados.
o galopar dos veados
Nos tocávamos trombetas
e tambores,
segundo os costumes dos nossos reis (84).

A nação lhe tributou enterro solene,

“em carros reais e com muita pompa. Era de ouro o féretro; de seda, o trono e a cama; o manto estendido no corpo, era recamado de ouro. Havia coroa na cabeça e armas douradas aos pés. Rodeavam o trono seus filhos e familiares, seguidos por oficiais das armas, chefes (patriarcas) das famílias, destacamentos das regiões e divisões do exército nacional, todos armados como na oca-

(81) — KHORENATSI, II, 50, p. 292.

(82) — Sobre os festejos de *Navasard* (Ano Novo, na Armênia antiga), instituídos pelo rei Vagarsh, ver em KHORENATSI, II, 62, p. 332.

(83) — KHORENATSI, II, 60, p. 312.

(84) — GRIGOR MAKISTROS, *Cartas*, segundo ABEGHIAN, pp. 120-123, os cantos com nome de *Artashes* podem ser partilhados entre três reis de mesmo nome *Artashes*: I, II e III; opinião pessoal e infundada.

sião dos combates. Marchavam na frente os trombeteiros com trombetas em bronze; atrás, virgens cantoras, de preto, e carpideiras e, por fim, uma multidão de povo. Houve, sobre o túmulo, muitas imolações suicidas, de mulheres e servidores do odorado monarca” (85).

9 — *Canto de SATENIK (namoro):*

Era filha do rei dos alanos, “primeira mulher” de Artashes I e mãe do herdeiro, Artavazd I. Os motivos do canto prendem-se aos seus namoros com os chamados *descendentes dos dragões*, isto é, com os descendentes do rei Astíages da Média, que tinham suas moradias no sopé do monte Masis (Ararat) (86)

O historiador se refere mais vezes aos namoros da rainha com os descendentes dos “dragões”, ele mesmo elucida este enigmático termo, mais vezes usado no canto. Houve, numa época anterior aos acontecimentos da lenda, encontro armado entre a Armênia e a Média; derrotados os medos, a mulher e os filhos do rei Astíages da Média e um grupo de notáveis medos foram transferidos para a Armênia, estabelecendo-se no local mencionado.

Na interpretação de Khorenatsi, o nome “Astíages” significa “dragão” no idioma dos medos; daí a expressão “descendentes dos dragões”, que o historiador e poetas, gostaram de empregar a respeito dos familiares e descendentes do rei Astíages. A transferência visava colonizar os pontos menos povoados do país. Os medos revelaram-se, porém, elementos perturbadores, tendo por chefe um certo Argavan, apelidado também “Muratsan”. Era com estes “dragões” e, em particular com seu chefe, o idílio da rainha Satenik. Na conspiração contra a vida do rei Artashes e contra o menino herdeiro Artavazd, realizada no “Templo dos Dragões”, o cortejar a rainha-mãe, deveria servir de instrumento para uma dupla traição político-sentimental. Damos a seguir os dois breves fragmentos dos respectivos cantos, isto é do “namoro” e da “conspiração”:

“Satenik,
a Primeira Dama,
almeja ardentemente
e procura,
com ervas mágicas,
escondidas no travesseiro,
seduzir Argavan” (87).

(85) — KHORENATSI, II, 60, p. 310, 313.

(86) — KHORENATSI, I, 30, p. 133; II, 49, p. 287

(87) — KHORENATSI, I, 30, p. 133-134.

10 — *Canto de SATENIK (conspiração):*

Servindo-se da rainha como instrumento, os decedentes medos (“descendentes dos dragões”) conspiram, sob a chefia de Argavan, contra a corte armênia. Expostos no canto anterior (n.º 9) os motivos da trama, aqui reproduzimos sem comentário o fragmento do presente canto, em que o bardo diz:

“Certa vez,
Argavan deu um grande banquete
em homenagem ao rei Artashes,
contra quem tramavam
no Templo dos Dragões” (88).

11 — *Canto de ARTAVAZD (infância):*

Filho primogênito de Artashes I e de sua “premeira” mulher Satenik. Gênio aventureiro *desde o dia do nascimento, passou para os cantos trovadorescos da época*. Quando herdeiro, Artavazd vem designado pelo pai como comandante do quarto destacamento oriental. Reprime os desordeiros colonos medos, que conspiravam continuamente contra seu pai e contra ele. Sua raiva contra esses *descendentes dos dragões* começara ao saber que eles quiseram sua eliminação, quando ainda era criança de colo. Sua sucessão no trono tinha motivado, alías, *ciúmes e desordens* na corte, por causa das *mulheres*. No trono, combate vitoriosamente contra Mitridates I (171-138 a.C.) da Pártia.

É às tramas dos *dragões* medos, *em convivência com as mulheres e por mil e uma feitiçarias*, que alude o fragmento do canto:

“Os dragões,
da corte de Astíages,
roubaram de seu berço
o menino Artavazd,
colocando um gênio demoníaco
no seu lugar” (89).

12 — *Canto de ARTAVAZAD I (fundação de Marakert)*

O lugar escolhido por seu pai, Artashes I, para a construção da capital, Artashad, era dos mais atraentes, numa confluência dos rios Arax e Medzamor e rodeado de florestas de “cedro” É provável que o

(88) — KHORENATSI, I, 30, p. 133; II, 51, p. 293-295; 53, p. 300.

(89) — KHORENATSI, I, 30, p. 133; II, 50, p. 293; 51, p. 294-205; 53, p. 300; 61, p. 316.

herdeiro Artavazd tivesse sua moradia na área escolhida para a futura capital, e fosse obrigado a transferir-se para outro lugar, que não lhe faltaria. Ele, propositalmente, foi para a localidade situada no sopé do monte Masis (nome popular do monte Ararat), reduto dos colonos medos, os famosos “descendentes dos dragões”, seus inimigos jurados. Estes opuseram-se em armas; foram vencidos e “exterminados”, inclusive seu chefe Argavan (chamado também Argam ou Muratsan). Artavazd constrói ali, nas *planícies de Sharour*, ricas em vinhedos, a cidade de *Marakert*, que ao invés de ser uma homenagem ao nome do fundador (neste caso o nome da cidade seria *Artakert*), está ligado ao de seus inimigos medos (o temo armênio do “medo” é “mar”; portanto “Marakert” significaria: construção ou cidade dos medos), como que para perpetuar-lhes o triste fim, pela construção daquela cidade. É a este acontecimento que se refere o fragmento do canto:

“Artavazd,
filho do nobre Artashes,
não encontrando lugar
para sua residência,
na hora da fundação
da cidade de Artashad,
foi para a região dos Medos
e construiu lá,
nas planícies de Sharour,
a cidade de Marakert” (90).

13 — *Canto de ARTAVAZD I (no enterro do pai):*

Assistimos, no canto n.º 8/B, à pompa do enterro de Artashes I, seu pai, que o povo lhe tributou, com “virgens” cantando e “carpideiras” chorando, numa cena de “muitas imolações suicidas” sobre o túmulo. Fatos que deram razão ao presente canto, onde Artavazd, o filho, constrangido, sente-se vazio no trono, por tê-lo herdado em “ruínas”, e reclama do pai:

“Na hora de partir,
levaste contigo todo o mundo;
como
poderei eu
sobre ruínas reinar?” (91).

(90) — KHORENATSI, I, 30, p. 131-133; II, 51, p. 293-295.

(91) — KHORENATSI, II, 61, p. 315.

14 — *Canto de ARTAVAZD I (resposta do pai):*

Na relação do historiador, o fragmento faz seqüência direta ao precedente. Os *bravos espíritos*, a que alude o canto, são os maus gênios, que na crença popular moravam nas grutas profundas do monte Masis, de dois picos: Grande Masis (5.156 mts.) e Pequeno Masis (3.925mts.). O nome “Masis” é o apelido popular do famoso monte bíblico Ararat, em que parou a arca de Noé, após o dilúvio. Sob nomes diferentes de protagonistas, esta lenda tem suas variantes na mitologia e no folclore de vários povos. O fragmento do canto reproduz a “maldição” do pai que, indignado, responde do túmulo:

“Quando calvagares para caçar
nas veredas do soberbo monte Masis,
que te levem os bravos espíritos
para os abismos
do monte Masis;
aí fiques
sem ver a luz” (92).

A subsequente perdição de Artavazd, que no poema seria conseqüência da maldição do pai, atribui-se, pelo historiador, a um incidente, numa caça de onagros e javalis, nos arredores da capital Artashad, não distante das planícies do monte Masis. Ele teria sido *precipitado num abismo, perdendo-se ali, sem deixar vestígio algum*. O fato continua nas lendas dos avôs, alegadas pelo historiador, segundo as quais,

“Artavazd continua vivo, cativo numa gruta e preso por cadeias. Dois de seus cães lambem dia e noite suas cadeias, para libertá-lo. Ao sair, sera o fim do mundo. Mas, com o estrondo das batidas nas bigornas, pelos ferreiros, se engrossam as cadeias”

A relação continua com novidades:

“Muitos ferreiros de nossos dias acreditando na lenda, batem três a quatro vezes nas bigornas, às segundas-feiras, para, dizem eles, se fortalecerem as cadeias de Artavazd. A verdade, porém, é conforme elegamos acima” (93)

Khorenatsi no fim do Livro I (p. 140-146), de sua história, coloca um apêndice, cujo título diz: “Das lendas persas, em torno de Astíages e Biurasp”, onde, sob nomes diferentes, se lê semelhante lenda: *Artavazd* é substituído por *Astíages*; *Monte Masis*, por *Dem-*

(92) — KHORENATSI, II, 61, p. 315.

(93) — KHORENATSI, II, 61, p. 315-316.

bavend; Espíritos bravos, por Rouden. O bravo Biurasp aprisiona Rouden numa gruta do monte Dembavend, onde é mantido sob cadeias; sua libertação é o fim do mundo. Não há batida nas bigornas (94).

15 — *Canto de SIMBAT BAGRATUNI:*

Filho de Biurat, da família dos Bagratidas, cujo ancestral fora o forte e inteligente *Shamba Bagarat*, de origem judia, segundo Khorenatsi (95). No governo de três monarcas Simbat Bagratuni chefia vitoriosamente as forças do país, servindo o trono com bravura e lealdade. Sob o rei Sanatruk, é instrutor do herdeiro Artashes (futuro Artashes I), salvando-o no morticínio de seus irmãos, perpetrado por ordem do rei Yerwand. Perseguido por *patrulheiros* deste, Simbat, disfarçado em pastor, vagueia com o menino herdeiro *por vales e montanhas*. Refugia-se na Pérsia, onde sua fama lhe proporciona, junto à corte, acolhida calorosa. Volta à Armênia com a ajuda persa, a fim de assegurar os direitos do menino herdeiro.

Após o encontro armado com Yerwand, este, derrotado, deixa o trono para Artashes. Na qualidade de *preceptor e padrinho*, pede, para o jovem rei Artashes I, *a mão da filha dos alanos*. Suas armas prevalecem sobre os persas. É agraciado pelo rei Artashes I, com honras e doações de terras. Isto deixa enciumado o herdeiro Artavazd, primogenito de Artashes e Satenik, e Simbat deixa a corte *para viver em paz* nas suas possessões. Há ciúmes e intranquilidade na corte, *por causa das mulheres*. Armênia é atacada por romanos; procura-se o “*velho general*”, que chega na hora certa e salva a vida do herdeiro ciumento, rechaçando os romanos para além das fronteiras. Na ocasião, fala-se de um encontro armado com general romano Domício Corbulão, *conforme a lenda cantada pelos poetas* (96)

É o seguinte o canto “reconstituído” em homenagem ao “velho general”, segundo nos referem *sua lenda e o CANCIONEIRO dos bardos armênios* (97):

(94) — Sobre lendas semelhantes e comuns a alguns povos modernos, ver em ABEGHIAN, p. 148-152. SONIA ORIETA HEINRICH — Deuses e Heróis na “Edda Poética” e na “Tetralogia” de Wagner, publicado no Boletim n.º 2 do Curso de Alemã, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, 1959.

(95) — Sobre a origem “judia” da família armênia *Bagratida* e do nome *Shamba-Shambat-Simbat*, ver em KHORENATSI, I, 22, p. 110-111; II, 3, p. 166-167; 7, p. 175; 8, p. 186; 9, p. 190; 14, p. 204; 63, p. 322.

(96) — KHORENATSI, II, 37, p. 264; 43; 44; 45; 46; 50, p. 291; 53, 54, p. 302; sobre o general romano *Domício Corbulão*, “*cantado pelos poetas*”, ver II, 54, p. 302.

(97) — Sobre Simbat, “o velho general”, ver em KHORENATSI, II, 48, p. 287; 52, p. 296-297; 53, p. 298-300; 37, p. 264-265; 38, p. 266-267; 54, p. 302.

“A bravura condizia com seu porte;
condecoravam-no
as virtudes de sua alma,
a nobreza de suas cãs.
Qual drakontikon (98)
brilhavam-lhe nos olhos
manchas de sangue
entre ouro e pérolas.
Cuidadoso por temperamento,
para consigo e para com todos;
mais que todos se distinguindo
pelo dom de
vencer nos feitos de armas” (99).

16 — *Canto de TIGRAN II, O GRANDE:*

“O mais inteligente e valoroso dos reis da Armênia” e o maior vulto de sua história. O grifo é de Khorenatsi.

Reinou nos anos 95 a 55 a.C.

Fora seu pai Tigran I (no trono entre 130 e 96 a.C.), um reformador agrário-administrativo e *amador de caça e diversões*. Seu filho, tema deste canto, organiza as forças de defesa do país, confiando-as aos tres filhos: Artavazd, Zareh, Tiran e ao *velho general Simbat*: o quarto filho é nomeado *Sumo Sacerdote (100)*; incentiva a cultura, favorecida então pela presença na corte de *sábios gregos*, seus *hospedes*; constrói, em defesa das fronteiras do sul, a cidade-fortaleza de *Tigranakert* (construção de Tigran; o nome figura sob a forma de *Tigranakert* (construção de Tigran, nas fontes greco-romanas, o nome do monarca figura sob a forma de *Tigranes*, e o da cidade, de *Tigranocerta*), cercada de muralhas, torres e fossos de água, deslocando para ali núcleos de gregos e judeus, com o fim de incentivar a cultura e o comércio. Dele Khorenatsi diz:

“Quem, se é homem de verdade e gosta de bons costumes, de coragem e inteligência, não desejaria ser como ele?. Enalteceu nossa nação, estendendo o país às suas antigas fronteiras” (101).

Se excedeu-se na sua ação, incluindo nas fronteiras da Armênia a Cilícia, Fenícia, Capadócia, Síria e partes da Mesopotâmia, Palestina e Cáucaso, — quatro reis destes países acompanhando-o dentro e

(98) — KHORENATSI, II, 52, p. 296; o termo grego *drakontikon*, usado pelo autor, significaria: bracelete em forma de “serpente”, ornado de pedras preciosas.

(99) — KHORENATSI, II, 52, p. 296-297.

(100) — KHORENATSI, I, 24, p. 115; II, 51, p. 294; 53, p. 300.

(101) — KHORENATSI, I, 24, p. 113-114.

fora da corte, — foi para impor respeito aos vizinhos e desenvolver plano de progresso dentro de “fronteiras seguras” Chamou, porém, sobre si a atenção de Roma, que começava a penetrar na Ásia Menor. Seu império durou quanto sua vida. Faleceu por doença, aos oitenta e cinco anos. Quando vivo, foi molestado pelo irrequeto sogro Mitrídates, famoso de aventuras, e pelos próprios filhos Zareh e Tiran; consolou-se com o herdeiro Artavazd (futuro Artavazd II), instruído em letras gregas e autor de obras naquele idioma (102).

Dele temos numerosas moedas em ouro, prata e bronze, trazendo quase todas a inscrição em grego: “*Brasileos basileos Tigranou*” (de Tigran, rei dos reis).

Era de se esperar que poetas do povo enaltecessem seu “rei dos reis” O apelido de família *Yerwandian*, que lhe é dado nos cantos, diz de sua afinidade com esta família. Ao referir-se a ele, escreve Khorenatsi: *Em nossa Antigüidade, os que CANTAVAM ao som de bandir, diziam dele:*

“Loiro,
penugem e cabelos delicados,
Yerwandian Tigran mostrava
faces ardentes,
olhos azuis;
forte e viril a constituição;
alta a estatura,
nobre o andar;
no comer e beber, sobriedade;
nos festins, comedimento;
nos prazeres mundanos, moderação;
mestria na arte de falar,
inteligência e justiça,
ponderação em tudo,
para com todos,
com venturosos
e com humildes (103).

17 — *Canto de TIRIDAT III:*

Rei da Armênia nos anos 287 a 336. Sob seu reinado, o país adotou, em 301, o Cristianismo como religião oficial de estado, sen-

(102) — PLUTARCO diz dele: “*Artavazd escreveu (em grego: N.A.) tragédias, discursos e histórias, metade dos quais existem até hoje*”, em *Vitae Parallelae*, “*Marcus Crassus*”, IV, p. 138; infelizmente nada desses escritos chegou aos nossos dias.

(103) — KHORENATSI, I, 24, p. 115-116.

do Gregório, o Iluminador, o apóstolo da nova crença. Por ironia da sorte, rei e apóstolo tiveram seus caminhos cruzados ainda crianças. Teve o rei seu pai morto por um agente da Pérsia sassânida, de nome *Anak*, pai do futuro apóstolo; exterminada, pelos guardas do rei morto, a família do assassino, salva-se um menino, que levado pela nutriz para a cidade de Cesaréia, na zona grega, instrui-se no Cristianismo, recebendo o nome de Gregório. Por sua vez, o menino Tiridat, salvo pelo príncipe Artavazd Mamikonian, é levado para a zona romana e daí para Roma; recebe instrução militar e pela sua bravura atrai a atenção do futuro imperador Diocleciano. Volta ao trono dos pais. Sua fama guerreira e mão firme dão ao país quarenta anos de relativa paz e reconstrução. Enfrenta vitoriosamente um ataque do co-imperador Maximino Daia (307-313) Estipula, por volta de 324, um “*Termo de Tratado*” com Constantino, o Grande. Sua morte, entre 336 e 337, quase coincide com a de Constantino.

O historiador Agathângelo, *secretário de Tiridat*, (104) é quem nos fornece os dados sobre sua vida e seus feitos. Ao versar sobre as *bravuras* do monarca, refere-se, num estilo hermético, repassado de retórica e metáforas, aos casos de *duelos*, de *atravessar rios*, *mudando-lhes* o curso, de participar nas operações de *mar*, etc. Sem pormenores, precede o fragmento do canto a lacônica expressão: *Seus feitos passaram para os CANTOS que diziam*:

“Destemido,
como o rei Tiridat,
que, no seu arrebatamento,
arrasou as barragens dos rios,
secando-lhes o leito,
e intrépido, lutou
com as ondas do mar” (105).

18 — *Canto de SIMBAT MAMIKONIAN*:

Lutas guerrilheiras travadas entre defensores armênios e persas atacantes, nos séculos V a VI, são tratadas com humor nas lendas populares e dão origem à história da “Batalha de Taron”, obra de *Hovan Mamikonian*, completada em pormenores por *Sebeus*, sendo ambos do século VII. Os comandantes dos armênios são da família Mamikonian: *Mushegh*, de “cento e vinte anos; *Vahan*, filho deste, de “oitenta anos”; *Simbat* e seu filho *Vahan*, o *Astuto*, etc., gente esperta nas malícias guerrilheiras, acabando por derrotar os persas. O fragmento que se segue, parece ser o epílogo do canto que des-

(104) — AGATHÂNGELO, Introdução, p. 15, 4, p. 41-45; 11, p. 99-101.

(105) — AGATHÂNGELO, 11, p. 100.

creveria os fatos pela vitória na batalha final, de *Simbat Mâmikonian* sobre *Suren*, general dos persas. À *localidade*, onde se acumulam em montes os cadáveres dos persas tombados, dá-se o nome de *Varazablour* (Monte de Varaz), em homenagem a Varaz Paluni, o intrépido lugartenente de Simbat. Ao voltar do campo da batalha, os vencedores são acolhidos festivamente com cantos e danças dos populares, que, entre outras, entoam a humorística canção, única no gênero na série dos Cantos de Goghten, nela estreando a “classe popular” da fauna armênia:

“Feras do Monte Varaz
comeram cadáveres
e ficaram gordas.
O Castor comeu e engordou
como o Urso.
A Raposa ensoberbeceu-se
mais do que o Leão.
O Lobo estourou, de tão voraz.
O Urso, por esvaziar quanto comia,
morreu de fome.
Os Abrutes, por serem sôfregos,
quedaram agachados
e não puderam erguer-se.
Os Ratos, por terem transportado demais,
para os celeiros,
ficaram de pés esfolados” (106).

CONCLUSÃO:

Pela resenha dos documentos antigos da poesia armênia, chega-se à idéia de encará-los como fragmentos de uma *EPOPÉIA NACIONAL*, elaborada por anônimos poetas de épocas diferentes. A seqüência dos temas, abrangendo mitos que relatam as origens do povo armênio e as subseqüentes figuras de destaque, que no decorrer dos tempos consolidaram sua existência histórica, assim como as repetidas expressões dos historiadores-recolhedores, tais como: “*A este respeito dizem os CANTOS DE GOGHTEN*”; “*CANCIONEIRO dos bardos armênios*”; “*Os que CANTAVAM ao som de bandir*”; “*CANTOS, onde há versos sobre.* ”; “*Os POETAS dizem nos seus “CANTOS*”; “*Os CANTOS que diziam.* ”; “*CANTA-SE nas LENDAS*”; “*Como se CANTAVA nos TEMPOS ANTIGOS*”, etc., sugerindo a existência, na Antigüidade, de um conjunto poético de relevância nacional, convencem-nos da asserção ora enunciada. Este con-

(106) — HOVAN MAMIKONIAN, p. 246-247; ABEGHIAN, p. 303-304.

junto seria de natureza semelhante aos *CANTOS VÉDICOS* da antiga Índia e de *SHAH-NAME* (Diário dos Reis) da Pérsia.

Outra conclusão, a que nos levam essas considerações, diz das *afinidades* dos Cantos de Goghten com as duas obras acima mencionadas, afinidades essas predominantemente mitológicas com o primeiro e programáticas com o segundo, e com as assim chamadas “*lendas vagueantes*” (107), comuns a mais de um povo do Leste e do Oeste. No decorrer dos tempos e conforme seu itinerário, essas lendas se dissimularam nos costumes e folclore locais, basicamente mantendo-se idênticas. Afinidades essas que, pelo menos no tocante às lendas armênias, continuam inexploradas.

(107) — Sobre as chamadas “*lendas vagueantes*”, ver em ABEGHIAN, p. 43, 45, 65, 87, 148-152.

BIBLIOGRAFIA

FONTES:

a) *autores armênios (em armênio):*

1 — AGAHTÂNGELO, do século IV, História de introdução do Cristianismo na Armênia, Gráfica Armênia Mekhitarista, Veneza, 1930.

2 — ANANIA SHIRAKATSI, do século VII, Obras, São Petersburg, 1877.

3 — EGHISHÉ (Eliseu), do séc. V-VI, A guerra dos armênios e de Vardan Mamikonian, Graf. Arm. Mekhitarista, Veneza, 1950;

4 — FAUSTOS BIUZANDATSI (Fausto de Bizâncio), do séc. V, História da Armênia, Graf. Arm. Mekhitarista, Veneza, 1933; na citação: FAUSTOS;

5 — GRIOGOR MAKISTROS, do séc. X, Cartas,

6 — HOVAN MAMIKONIAN, do séc. VII, História de Taron, Erevan, 1941;

7 — MOVSES KHORENATSI (Moises de Khoren), do séc. V, História da Armênia, Graf. Arm. Mekhitarista, Veneza, 1955; é “pai da historiografia armênia”; na citação: KHORENATSI.

8 — SEBEUS, do séc. VII, História das guerras de Heráclio contra os persas, ed. anotada de G. Abgarian, Erevan, 1965.

b) *autores estrangeiros:*

9 — ESTRABÃO (c. 58 a.C., — 25 d.C.), Geografia, em 8 livros; texto grego com trad. em inglês, Harvard University Press, ed. Cambridg-Massachusetts, 1960.

10 — HERÓDOTO (c. 480-425 a.C.), História, em 9 livros; texto grego com trad. inglês, Harvard University Press, Cambridg-Massachusetts, 1960.

11 — PLUTARCO (c. 45/50-125 d.C.), Vitae Parallellae (em grego): versão armênia em 6 volumes; Grafica Armênia Mekhitarista, Veneza, 1831-1835.

12 — XENOFONTE (c. 427-355 a.C.), Anabasis; texto grego com trad. em francês, Societé d'Édition “Les Belles Lettres”, Paris, 1952-54.

ESTUDOS (em asterisco: obra em armênio):

1 — ABEGUIAN, M., Lendas populares armênias, em “Obras”, I, Erevan, 1966

*2 — ADONTZ, N., Tork, deus dos antigos armênios, em “Hushartzan”, Graf. Arm. Mekhitarista, Viena, 1911;

*3 — ADONTZ, N., Histoire d'Arménie, Les Origines, Paris, 1946.

*4 — ASLAN, K., Études historiques, Paris, 1928.

*5 — ASTOURIAN, H., História da Armênia, Buenos Aires, gráfica Si-pan, 1947.

6 — BARGAIGNE, A., La religion Vedique d'après les hymnes de Rig-Veda, Paris, F. Vieweg, 1878, 3 vols.

*7 — BARKHUTARIAN, S., Monumentos culturais da Armênia Soviética, Erevan, 1935.

8 — DE GUBERNATIS, Letture sopra la Mitologia Vedica, Firenze, ed. Monnaie, 1874.

DE LAGARDE, P., Armenische Studien, Göttingen, 1877

10 — GELZER, H., Zur Armenische Götterlehre; foi consultada a versão armênia, Graf. Arm. Mekhitarista, Veneza, 1827.

11 — GIORDANI, M. CURTIS, História da Antiguidade Oriental, ed. Vozes, R.J. 1963.

12 — GUERINOT, A., Recherches sur l'origine de l'idée de Dieu d'après le Rig-Veda, Paris, ed. Ernest Leroux, 1900.

*13 — GUEVORKIAN, A., Costumes e Artesanato nas iluminuras armênicas, Erevan, 1972; edição ricamente ilustrada.

14 — HÜBSCHMANN, H., Armenische Grammatik, Leipzig, 1895.

15 — KEROUZIAN, Y. O., — 1, Origem do alfabeto armênio, S.P., 1970

16 — KOROZIAN, Y. O., — 2, Armênia e Roma, Relações políticas entre 190 a.C. — 378 d.C., gráfica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

*17 — KHATCHATRIAN, A., Tork Anguegh na antiga literatura e na crítica moderna, em "Informativo de Ciência e Arte", 1931, n.º 5, Erevan.

*18 — KIPARIAN, C., História da literatura armênia, vol. I, das origens até o ano de 1300, Graf. Arm. Mekhitarista, Veneza, 1944.

19 — PIOTROVSKY, B., Ourartou, série "Archaeologia Mundi", em francês, ed. Nagel, Genève, Paris, Munich, 1969.

*20 — SARDARIAN, S. H., A sociedade primitiva na Armênia pré-histórica; obra exaustiva; reprodução de inscrições pictográficas e achados arqueológicos; resumo em russo e inglês; Erevan 1967.

21 — HEINRICH, SONIA ORIETA, Deuses e Heróis no "Edda Poética" e na "Tetralogia" de Wagner, no Boletim nº 2 do Curso de Alemão, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1959.

22 — ENCICLOPEDIA ITALIANA, di Giovanni Treccani, vol. XXXI, Roma 1950.